

# ACAJÁ

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

O progresso da intelligencia é infallivel havendo liberdade de fallar, escrever e publicar o que pensamos.

MARQUEZ DE MARICÁ.

Anno I

Domingo 31 de Março de 1861.

N. 10

## MANOEL ALVES BRANCO.

Ao Sr. Silvio Rangel.

Tardio se tem tornado o signal expressivo da gratidão da patria, em commemoração dos serviços dos seus mais distinctos e prestimosos filhos; e, com quanto só contemos quarenta annos de liberdade, este periodo tem-se felizmente assignalado por acções heroicas e em excesso gloriosas para uma tão novel nação. Esta causa nos leva a attenuar um pouco a falta allusiva; mas ella não nos pôde eximir de lamentar o facto de nada se ter feito a respeito, nem igualmente deve contribuir para continuar-mos a olvidar os feitos e os nomes dos benemeritos cidadãos que já pagarão o seu tributo á lei da morte, mas que deixarão na terra os emblemas caracteristicos de sua estada nella.

Manoel Alves Branco, tornou-se um vulto gigantesco da nossa patria, não só pelos seus longos e optimos serviços, como tambem pela sua illimitada intelligencia e pelos exemplos de probidade que nos soube transmitir.

Nascido na provincia da Bahia aos 7 de Junho de 1797, Alves Branco inclinou-se aos estudos juridicos e para obter um honroso pergaminho, quaes aquelles adquiridos tão sómente pelo verdadeiro merito intellectual, dirigio-se á Coimbra e nessa Universidade formou-se em direito em 1823.

Regressando aos lares patrios, servio os lugares de juiz do crime da Bahia, juiz de fóra de S. Amaro, sendo em 1830 removido neste encargo para a Côte para onde tinha forçosamente de vir, a occupar a cadeira honrosa de representante da nação que a sua provincia natal lhe concedera; nesse mesmo anno no parlamento revelou a sua bella intelligencia e a facilidade com que exprimia as suas convicções, sobre o estado do paiz e sobre todos os misteres tendentes ao progresso nacional.

Os elevados recursos intellectuaes que possuia o illustrado bahiano, não puderão passar despercebidos. Assim pôde elle ser nomeado con-

tador do thesouro nacional, lugar que devidamente exerceo e no exercicio do qual soube reunir á pratica obtida com o correr dos dias, os estudos theoricos que bebia dos mais eminentes economistas da época.

Todos esses predicados, forão-no elevando aos mais elevados poderes; e elle, filho de pais pobres, conseguiu por seus dotes intellectuaes a ascensão politica e social.

Diversas vezes sentou-se no conselho da coroa, exercendo as pastas da Fazenda, Imperio, Estrangeiros e Justiça. Em 1837, a Bahia apresentou seu nome á designação imperial para substituição de uma vaga existente na camara dos aucto-res, e a escolha nelle foi justamente recabido. Pouco tempo depois achava-se no exercicio de conselheiro d'Estado. Desinteressado á toda a prova, Alves Branco, jámais teve a lembrança de locupletar-se no banquete do Estado, e, tão profundo em talento, quanto brilhante na tribuna, tinha igualmente consigo, a par de uma coração nobre e generoso, a mais escrupulosa probidade em tudo quanto podia pender do functionalismo publico.

Em 1854, tornarão-se titulares todos os membros ordinarios do conselho d'Estado, Alves Branco foi distinguido com o título de visconde de Caravellas. O officialato do Cruzeiro, era a unica mercê honorifica que possuia n'uma época em que taes distincções, á esmo se facultavam!

Além de politico, economista e consumado estadista, tinha Alves Branco a imaginação de poeta, e de poeta distincto. A' sua mais querida e fulgurante imagem — a liberdade — quiz offerter um hymno e desferindo os sons do alaude que magistralmente tangia, mimoseou a litteratura patria com uma soberba e admiravel ode, que foi justamente ha sido designada como uma das melhores produções dos poetas Brasileiros.

Outras suas composições poeticas existem reunidas ás de outros nossos fallecidos poetas, graças aos Srs. Pereira da Silva e Warnhagem que no Plutarco e no Florilegio, souberão fazer

com que as melhores produções poeticas dos nossos mais distinctos antepassados se não naufragassem no abysmo da ignorancia publica.

Segundo disse algures, «ha poesias do illustrado vate, onde se revela o genio americano, voando livremente em uma atmospherá purissima. O seu idolo nessas poesias é sempre a liberdade.»

O Visconde de Caravelas, succumbio após não poucos soffrimentos phisicos, aos 43 de julho de 1855, legando á sua familia a mais honroza pobreza e um nome recommendavel pelos bons serviços prestados ao paiz, assignalado na republica das letras pelas suas bellas composições poeticas, e digno de ser venerado pelos seus muitos recursos intellectuaes, pela sua firmeza de caracter e mais que tudo, pelos exemplos de probidade inabalavel que tão raros estadistas nós tem legado.

Alves Branco, na época da Independencia estudava em Coimbra, seu espirito porém achava-se impregnado nos acontecimentos do torrão natal; estes forão os elementos para a sua ode *A Liberdade* e esta sempre o teve como um dos seus mais distinctos paladinos. A sua oppinião politica, jámais deixou de ser a liberal moderada.

Um nosso distincto esci tor disse a respeito de tão illustrado compatriota que elle tinha deixado um bello nome para as paginas da nossa historia e á sua viuva e filhos a mais honroza pobreza.

A abnegação estava infiltrada naquella nobre alma, o desinteresse ravorberava em sua phisionomia e em todos os seus actos. A Bahia jámais pode esquecer-se de ter tido um tão illustre filho.

Foi elle o proprio a dizer pouco antes de desaparecer para sempre da terra «que tinha nascido pobre e pobre morria; mas que havia nascido na mediania social, e fôra elevado ao fastigio das posições pela magnanimidade de um príncipe que não pergunta pelos avós dos servidores do estado».

Esquecia-se então o veneravel ancião que essas posições, mui legitimamente as havia grangeado pelos seus serviços e pela sua intelligencia, para tornar mais saliente a justiça que sempre lhe fizera o chefe da monarchia do Brasil; olvidava-se de que o povo o havia distinguido da mediania social em que nascera e que ao povo devia a sua ascensão politica, para não deixar de tecer uma corôa de louros, áquelle que dirige os destinos da Terra de Santa Cruz, e que sendo della o primeiro cidadão pelo encargo que exerce, é tambem o seu primeiro sabio pelos variados conhecimentos que tem sabido adquirir.

Ainda nos parexismos da morte, lembrava-se Alves Branco de exprimir a sua gratidão a quem julgava que a devia!

Até seus últimos momentos, foi sempre o

mesmo homem—illustrado, consciencioso, probo, servical e grato.

Seos restos achão-se depositados na Igreja da Conceição em Nitherby.

A' sua illustre familia, concederão os poderes executivo e legislativo do paiz uma justa pensão, pois não poderão deixar de reconhecer que ella na pobreza havia ficado, nem de attender aos longos e relevantes serviços prestados por tão virtuoso brasileiro.

Março 19 de 1861.

F. T. LEITÃO.

## OS CLUBS LITTERARIOS.

A tribuna da imprensa só por si, não é sufficiente para o complemento de uma educação litteraria.

Na tribuna oratoria tambem devemos mostrar os vãos attivos de nossa eloquencia, onde o nosso pensamento não dependendo do movimento da penna, mais livremente pôde vagar nas regiões mais elevadas, ora adornado com as bellas figuras da Rhetorica, ora vagando no mundo do idealismo com o arrojo da aguia que vôa sobre os Andes.

No Brasil porém as associações litterarias, são bellos sonhos que embatão nossas imaginações, para entristecernos ao aspecto da realidade. São plantas mimosas nascidas em manhãs serenas, mas que morrem ao primeiro sopro da briza do indifferentismo.

Nossa mocidade bebe, no verdor de seus annos, a taça da mais excentrica educação, que são cadeias de ferro, para impedir-nos os vãos arrojados da eloquencia da tribuna, onde cheios de enthusiasmo queremos beber a declamação e a verbosidade oral, ao recordarmo-nos das paginas de fogo escriptas pelas bocas divinas, de um Cicero, de um Mirabeau, de um Mont'Alverne!

Nossa mocidade só tem a penna para manifestar o intimo de seus sentimentos; esta porém vacilla em acompanhar os vãos arrojados do pensamento humano, que vai semeando por onde passa as flores de uma imaginação ardente, que erguendo-se das baixezas terrestres, e eva-se até as mais elevadas regiões, para de lá descer á profundidade do oceano.

No Brasil os espirites socialistas são em pequeno numero; do que, graves prejuizos tem vindo ao paiz. O imperio não conta em seu seio mais de doze associações litterarias e scientificas, admittindo-se mesmo algumas instituições de

academicos, de uma existencia mais ou menos curta.

No Rio de Janeiro não existem mais de cinco instituições litterarias nacionaes, e isto n'uma cidade de quatrocentos mil habitantes! O Instituto Historico, que é a instituição mais importante da litteratura patria, tem florescido, mas é de lastimar que mais não tenha contribuido para o desenvolvimento das letras no paiz.

Sua revista trimestral é cheia de interesse, mas é desanimador o numero de pessoas que frequentão as sessões, e é tambem triste que existindo na litteratura patria muitas obras de alto merito cujas edições extinctas bastante se procurão, não tenha o Instituto que é a «Arcadia Brasileira» mandado imprimir novas edições fazendo assim um bello serviço á mocidade nacional, que heberia nessas obras classicas a sciencia, e faria nascer nos peitos dos talentos nacionaes o desejo de um dia fazer figurar seus nomes, coroados de laureis de gloria no *Pantheon* dos grandes homens.

Não obstante isto porém, o Instituto tem feito já grandes serviços ao paiz, já com a sua sempre interessante «Revista», onde a litteratura e historia nacional tem sido estudadas com minuciosidade, clareza e saber, já pelas suas sessões onde se tem debatido com erudição e talento varios pontos, historicos, philosophicos, geographicos etc., etc.

Já se vê pois os grandes beneficios que o Brasil póde receber, se o espirito de associação ganhar terreno e denodados proselytas, que com ardor e firmeza lancem as pedras para o monumento de nossa futura grandeza, que é eriar-se em todos os pontos do Imperio, instituições que favoreçam as sciencias e letras.

Na Europa rara é a cidade que não tem suas instituições litterarias, artisticas e scientificas, e deve-se reconhecer que tem sido esse um dos elementos mais fortes que tem contribuido para o progresso da velha Europa, onde o trabalho e o patriotismo tem elevado o grão de prosperidade.

Em parte alguma do mundo as instituições podem melhor se sustentar, e elevar com brevidade ás maiores alturas, que no Brasil.

A carta constitucional que nos rege ha trinta e sete annos, é a mais livre que possui o mundo monarchico-representativo, nella se dá liberdade inteira ao espirito socialista, que leve desenvolver-se no paiz como a fonte de sua futura grandeza litteraria.

Não esmoreçam em seu caminho esses jovens cheios de vida que nas academias do Imperio formão entre si suas associações com o fim de melhor desenvolver suas aliãs bellas intellectualidades, ensaiando seus vôos de eloquencia oratoria, para quando tiverem de representar na Assembléa Nacional os direitos e pensamentos

do povo, poderem dar expansão ás idéas que lhes fervesse nos cerebros, e melhor admirar as palavras immortaes do celebre orador Demosthenes, que do simples marinheiro da republica Grega elevou-se á uma das primeiras dignidades de sua patria, graças a sua intelligencia cheia de fogo e ao seu espirito illustrado, que merecia os applausos de seus mais illustrados compatriotas.

Revista-se a mocidade brasileira com seu manto de coragem e patriotismo, semêe pelo solo do paiz o germen do verdadeiro espirito de associação, e fará um grande serviço á terra que a vio nascer e será bendita pela geração futura.

AMÉRICO BRASÍLICO.



## A QUEDA DE GAETA.

Mais um triumpho obteve a politica ingleza ! Mais um florão que se liga á corôa de louros que cinge a fronte do velho Palmerston ! Agora como sempre triumphou a perfidia Ingleza : agora como sempre o florão se tingio no sangue dos bravos ! Cahio Gaeta ! Com prazer o proclamão as gazetas Piemontezas e suas amigas, as Inglezas. Com dôr, com aspecto carrancudo, seião com indignação, o annuncião ao do resto da Europa.

E' que nesse pacto se resume o desenlace de um jogo em que a Europa inteira, vio calcados nos pés os principios fundamentaes do direito das gentes, e preconizados a perfidia, a traição e o roubo armado ! E houverão Napolitanos que se regosijarão com essa noticia ! Irmãos que derramarão o vinho da orgia sobre os cadaveres inda tepidos de seus irmãos mortos defendendo o que elles não souberão defender: — a sua nacionalidade ! Irmãos que misturarão o estribillo das canções bachicas ao estertor de agonia dos moribundos ! Não, não são Napolitanos esses que com suas proprias mãos demolirão o edificio de sua autonomia e de reino independente, fizerão sua patria uma provincia do Piemonte ! Não, não são irmãos aquelles que deixarão seus irmãos perecer ás mãos do estrangeiro ! Não, não são irmãos aquelles que expulsão uma criança que nenhuma culpa tinha dos erros de seus progenitores, para collocar em seu lugar um homem que foi infiel até a seu proprio pai ! Mas o tempo se encarregará de castigal-os e nós contentar-nos-hemos com fazer algumas breves considerações sobre este lamentavel successo.

O historiador que no futuro tentar escrever a historia destes ultimos tempos, ver-se ha obrigado a tomar papel negro, ou quebrará sua penna quando chegar a este tristissimo episodio da historia da Italia moderna. Nunca, em tempo algum se viu o que agora se está vendo: as regras do meu e do seu menosprezadas, a fé nos tratados violada, a religião desrespeitada, o amor da patria perdido; ao passo que se preconiza a revolta, a traição e a perfidia, e se lisongeão as paixões populares para das massas se obter um piebeseito que sirva de salvação á ambição desordenada de um monarcha, auxiliada por um ministro mais ambicioso ainda, e por um aventureiro audaz! E dizer que isto se passa no seculo XIX á face da Europa civilizada! Manes de Attila, de Alarico e de Rollou, regosijai-vos! Os vossos exemplos, as vossas tradições não se perderão: como as Vandectas, ellas surgem de novo á luz do dia, e por Deos que estão em boas mãos!

Em menos de dois annos, de uma potencia de segunda ordem, collocar-se a par das de primeira e obter os suffragios da poderosa Inglaterra, são na verdade resultados que lisongearão a outro qualquer ministro que não fosse o conde de Cavour. Mas S. Ex. não pode nem deve cuidar nisso: S. Ex. só imagina os meios de illudir os tratados e de, á sombra e com o exemplo da velha Albion, augmentar os seus estados por meio do machavelismo e de um direito das gentes a seu contento.

E que importa isso contanto que se consigão os resultados?

Quando se trata de alcançar um fim, todos os meios a empregar são bons, ainda que elles mereçam a reprobção universal. E que importa a reprobção da Europa, quando o Piemonte obra (traição) a Inglaterra quer (interesse!) e a França consente (vergonha!)?

O que nos dóe mais que tudo é o triste papel que considerações de uma mal entendida conveniencia, fizerão representar á França! Não ha considerações, por muito valiosas que sejam que possam obrigar um homem e muito menos uma nação, a descer de sua dignidade; e a França desceu della porque a França, retirando sua esquadra de Gaeta, assignou a perda dessa praça, sancionou a rotura do tratado de Villa Franca, e em vou-se á vontade d'Inglaterra! A França, tão nobre e tão grande quando no principio se me trava defendendo a justiça e o bom direito, dobrar-se á prosa de relutar da politica ingleza! A França que no principio se esleutava orgulhosa e bella, despindo o temor que tanto tempo lhe inspirava sua vizinha, recuar no meio da gloriosa tarefa que euectára de contrabalançar a funesta influencia da ainda mais funesta politica ingleza!

E' isso o que mais nos pesa, é o que mais sentimos.

Quando a Grã-Bretanha já ia perdendo um pouco de sua petulancia, quando já a França lhe incutia um salutar temor, é que a França se lembra de ceder-lhe! Oh! não o podemos acreditar, e attribuimos esse proceder a uma tatica de sua diplomacia, que como mui ché tosamente diz o correspondente de Paris do *Jornal do Commercio*, *quer recuar para melhor saltar*.

Consoia-nos essa esperanza, e fazemos votos para que realizando-se, a França possa pôr cobro aos desmandos do *vi cavalheiro*, porque, quem sabe? talvez que um dia tenha de se queixar da áspide que com tanto carinho criou.

Mas a queda de Gaeta verificou-se: é mais um latrocínio commettido pelo eminentissimo Cavour, de sociedade com o seu bom amigo ás avessas, o exceiso Garibaldi, do que um dia suas senhorias darão contas a Deos, se não ao Diabo.

Console-se o heroico e tristemente abandonado Francisco II que a voz da Europa indignada tambem soará, e então justiça será feita a quem a tiver. A Austria é rancorosa e não perdôa, e lembrando-se que o exilado de Baas, é seu parente, constituir-se-ha seu procurador.

Tenha fé o valente defensor de Gaeta, porque os Napolitanos ainda não estão totalmente corrompidos e o contracto dos xivisibéos de Cavour e dos grhetas de Garibaldi, ainda os não polleio de todo. Ainda ha quem ame sua patria e talvez, em uma epocha não mui remota, o verdadeiro rei de Napolles, se veja restituído ao palacio de seus avós.

Então lembre-se dos conselhos que seu outro tio, o tambem desgraçado Luiz Filippe, dea a seu pai, o cercado do amor de seus subditos, viverá feliz e contente, e aquelles mesmos que o apedrejão lhe irão beijar as plantas.

São estes os votos que fazemos, e se algum dia os virmos realisados, por muito felizes nos daremos. Triste idéa dá de si, aquelle que vê calcar a justiça, o direito e tudo o que ha de sagrado, sem sentir revoltar-se dentro em si, tudo quanto tem de nobre e elevado em sua alma. Por isso não podemos ver, indifferentes, os successos que se estão dando na Italia, sem que um brado de indignação nos salisse do coração. Fomos talvez, asperos demais; mas temos consciencia de que fomos justos.

JAMI.

22 de Março de 1851.

A' M....

(Pagina intima.)

Oh! rosa querida de meu viver peregrino,  
porque não exhalas teus inebriantes perfumes  
em meu cerebro?

Porque te mostras sempre merencoria e muda  
quando me vês?

Não mereço um olhar flammejante de teus  
olhos?

Não mereço um sorriso, uma palavra se quer  
de teus macarudos labios?

O que queres que eu faça para merecer o teu  
amôr?

Queres um laurel de poeta? — serei poeta  
se me inspirares.

Queres um nome glorioso? alenta-me para  
que o possa alcançar.

Queres que me roge a teus pés? — de bom  
grado o farei.

Queres minha vida, meu ser, tudo o que é  
meu? não hesitarei em dar-te!

Dize, meu anjo, e eu obedecerei. Mas não me  
tortures mais com teu gelido olhar, porque me  
serves a vida a lentos tragos.

Inspira-me! Um só de teus sorrisos me fará  
poeta; e despertará a minha intelligencia do  
torpor em se que acha sepultada!

Se tu souberas o cruento soffrer de meu co-  
ração!

Se pudesses lêr no imo d'elle;ahi verias o  
simulacro de um amôr puro e santificado!

Vem, meu sílpho, de-~~ca~~ de tuas regiões aereas,  
que eu te amparei na queda e te aziarei em  
meu peito.

Não tardes, porque sinto que não poderei  
mais esperar-te!

Tenho no craneo a tunica de Nessus que es-  
calda a mente. Vem pois meu sílpho, e tira-m'a  
para que eu sinta o frescor de teu halito ro-  
çar-me pela frente afogueada!

Vem, não tardes; eu te espero com ancia!

SILVIO RANGEL.

PENSAMENTOS.

§

Serão felizes as republicas, quando os philo-  
sophos forem reis, ou os reis philosophos.

PLATÃO

§

A honra de uma donzella, é o seu nome; não  
ha legado tão rico como a honestidade.

SHAKSPEARE.

§

O espirito tem como o corpo a sua puber-  
dade.

LAMARTINE.

§

Dos animaes ferozes o mais temivel é um ty-  
ranno, e dos domesticos o peor é um lison-  
geiro.

BIAS.

§

O sol doutra a quem o vê, o sabio illumina a  
quem o ouve.

\*\*\*

§

A patria do sabio é todo o mundo.

SENECA.

§

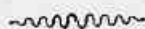
O scepticismo é um abysmo em que se preci-  
pitão ordinariamente os homens de maior saber.

MARQUEZ DE MARICA'.

§

A belleza sem graça, é um anzol sem isca.

NINON DE LENCLOS.



POESIAS.

DESEJO DE MORRER.

A vida é como um sonho que nos passa,  
Na mente entorpecida;  
Não quero pois gozar mais d'esse sonho,  
E quero só ouvir o som tristonho  
Da briza que murmura, e que perpassa  
Nos lyros da jazida.

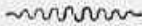
Quero sim ! desta vida agros tormentos  
 Não posso mais soffrer ;  
 E' tão doce dormir à sombra augusta  
 Da ramagem de uma arvore vetusta  
 Que resiste ao furor dos contrastes...  
 Eu quero já morrer !

Um só pezar eu levo d'este mundo,  
 Tão rico de illusões !  
 E' deixar minha vida ao desbrochar  
 E na tumba tão cedo ir sepultar  
 O meu corpo, o meu ser ; e lá no fundo  
 Fugir ás sensações.

A vida e como um sonho que nos passa,  
 Na mente ent' repicida ;  
 Não quero pois gozar mais d'esse sonho,  
 E quero só ouvir o som tristonho  
 Da biza que murmura, e que perpassa  
 Nos tyrios da jazida !

Côrte, Março de 1861.

R.



## O VATE.

**A' memoria do meu primeiro mestre,  
 Casimiro Corrêa d'Almeida Portu-  
 gal, poeta portuguez.**

Abi tendes minha lyra . . .  
 Onde á sombra do desgosto  
 Sete sons Mareisio tira.  
 Em tres cordas, nada mais.

C. C. A. PORTUGAL.

Fragil nauta, por mares pedregosos  
 Sé aventura, singrando sem temor:  
 Semelhante á esperanza mais querida  
 Que vaga quasi sempre no amargor.

Pelos miseros páramos da vida,  
 Viajante cansado de correr;  
 No lascado madeiro d'uma estrada  
 Se debruça, esperando só morrer.

E' moço, mas o tempo caminhante,  
 As madeixas lustrosas lhe aivejou;  
 E a fronte soberba do saber  
 Sem piedade, sem pena elle enrugou.

Assentado no marco derradeiro  
 Com os olhos cravados só no chão,  
 Mil castellos, mil lutas, mil segredos,  
 Inda ferverem no fragil coração.

Vem a morte tolher-lhe os frios membros  
 Apagar essa immensa inspiração;  
 E roubando-lhe enfim sua existencia,  
 Vai seguindo á cumprir sua missão.

E, na hora solemne em que sua alma  
 Se desprende do corpo, para voar,  
 Inda um canto, inda um hymno balbucia  
 Com a morte com os anjos a lutar.

‡

Tu cantaste na lyra de trez cordas,  
 Aureos sons e mysterios de saber,  
 E jamais profanaste tua lyra  
 C'o a lisonja e os insensos a render.

As mimosas narcejas não se banham  
 Nos immundos paues, lá do seítão:  
 Assim como as narcejas, tu buscaste  
 Mas não manchaste a vida — teu condão.

A primeira das cordas consagraste,  
 A'saudade de um anjo, e de teus pais,  
 Que habitavam no céu, junto ao eterno  
 Por quem sempre soltavas tristes ais.

A segunda, sonora, só vibravas  
 Para a nobre, leal, pura affeição;  
 E mais alto entoavas muito ufano  
 Na terceira, a mais nova gratidão.

Combinando as trez cordas sonoras,  
 Sete sons, tu na lyra desprendias,  
 E casando-os á voz adoeçada  
 Tu cantavas a patria em melodias.

Acceta pois oh ! mestre, estes meus versos,  
 Verdes fructos, lições que me ensinaste;  
 E do alto do céu, onde ora habitas  
 Recebe este tributo que plantaste.

J. BARROSA RODRIGUES.

Fevereiro de 1861.



## Consequencias de um casamento infeliz.

(Original Brasileiro por E. B.)

### I.

Em uma noite de inverno, fria e humida, a lua que já havia percorrido parte do espaço que lhe está destinado pela mão do Omnipotente, derramava sobre a cidade de B\*\* ondas de uma luz haça e tristonha. O mais profundo silencio reinava em toda a cidade, e só era interrompido pelo piar de alguma dessas corujas, ou aves nocturnas, que se abrigão nas cornijas das casas, ou nas torres das igrejas, ou então pelo cicar brando e suave da briza que roçando por entre as folhas das arvores e casuarinas que adornaão as chacearas do arrabalde denominado « Aldeia » produzião um som igual ao murmurio de duas vezes de amantes falando em amores.

Mas não se segue que por se achar tudo em silencio, alguém deixasse de velar em B\*\*.

Uma daquellas chacearas ficava mais isolada de todas as outras; era murada e tinha na frente uma grade de ferro. De cada lado do portão estendia-se um renque de casuarinas que fundava na parte principal da entrada da casa, que era de um gosto verdadeiramente campestre, e não tinha por tanto uma architectura determinada.

De ambos os lados da casa estava disposto um jardim com muita symetria, onde flores mimosas e bem cultivadas vegetavão, offerecendo ao olfato os mais delicados perfumes.

Em um angulo do jardim, o-tentava-se um caramanchão de trepadeiras cheirosas, tão bem entrelaçadas que durante o dia, na hora da maior intensidade do calor e dos raios do sol, allí se encontraria a sombra mais vasta e aprazível, semelhando um symbolico ninho de amor e poesia.

Uma das janellas da casa, aquella que ficava no seu extremo, dava para o caramanchão. Todas as outras estavam sepultadas na mais rigorosa escuridão, sómente essa deixava escapar por entre a geosia meia levantada, um mysterioso raião de luz que tremulando e m a aragem, ia descaçar sobre o caramanchão.

Evidentemente os moradores da casa dormião todos, menos o habitante daquelle quarto; conduzamos pois o leitor ao interior do mesmo, e mostremos-lhe o que allí se passava.

Uma moça que tinha pouco mais ou menos 25 annos, vestida e m um penteador de musselina branca apertado na cintura com um cinto de velludo preto preso em uma fivela de madrepérola, morena, de magnificos cabellos castanhos escuros, de uma physionomia sympathica, que não se pode comparar com a de uma Venus,

mas que vem por isso deixava de impressionar, pois tinha uns olhos da cor dos cabellos, brilhantes como duas estrellas, e ornados com um par de espessas, e bem delineadas sobrancelhas, sua boca regular, e duas fleiras de dentes bem alvos, davão-lhe uma graça infinita; seos labios rosados, e que quando surrião não era uma expressão de jubilo que apresentavão, e sim um mixto de indefinivel pezar, que predispuha o observador, em seu favor, induzindo-o a crêr que no coração daquella moça existia um mysterio de dôr e magôa que nem o sorriso podia disfarçar. No momento em que a vemos ella está com a cabeça encostada levemente sobre sua mão delicada, e tinha diante de si a Nebulosa do nosso eximio poeta Macedo, aberto e parecia lêr e relêr aquelle pedaço onde tão expressivamente está pintado o desespero do « Trovador » pois murmurou em voz quasi imperceptivel as duas seguintes linhas:

« A esperança! ai de quem nella confia!

« Annos espera, e um só dia não goza ».

Descrevamos agora os objectos que continha o quarto. No fundo havia uma cama de mogno, de fôfos e macios colxões cobertos de finissimos lençoes cuja alvura rivalizava com a neve, e um cortinado de cassa branca muito simples completavão todo o seu ornato. De um outro lado havia uma commoda tambem de mogno, e sobre ella estava collocado um relógio grande de prata dourado de um feitto particular, e tendo por enfeite um busto de Socrates do mesmo metal. No centro do quarto achava-se a mesa onde lia a nossa heroína. Uma vela em um castiçal de prata, allumiava fracamente o quarto que era extenso. Duas cadeiras de braços estofados rematavão toda a mobilia.

(Continúa).



## UMA VICTIMA DO AMOR.

ORIGINAL BRASILEIRO.

(Continuado do n. 9.)

Apenas se extinguião os ultimos sons do canto de Emilia, quando uma mão subtil e amiga tocou no hombro de Carlos que absorto se achava, qual a figura de Mario na contemplação das ruinas de Carthago.

— Em que pensas meu namorado *sem ventura*?

— Sabes Henrique, (pois era elle) preciso sahir hoje mesmo d'esta casa, não posso mais aqui estar.

— Então o que te aconteceu? disse Henrique, sentando-se n'um dos barcos do jardim.

— Uma cousa atroz! inaudita!  
— O que foi? desembuxa, anda,... então! calas-te?

— Oh! não posso contar-te, tenho a alma em migalhas! tenho a mente embotada! sou um estúpido!

E Carlos deixou-se cahir sentado junto de Henrique, suffocado pelos soluços, e banhado em lagrimas.

— Carlos, socega meu amigo, abre-me teu peito que eu saberei n'elle lançar um balsamo que o viv' ficará. Para que angustiares-te tanto! conta-me o que te aconteceu.

— Pois escuta, disse Carlos erguendo a cabeça e atirando para trás seus bellos aneis de cabellos; vou contar-te o que sinto e porque soffro.

• Passeava eu n'este jardim desde as cinco horas da manhã, aspirando o perfume das flores, e pensando em minha familia, quando ouvi um ruído sobre minha cabeça; olhei e vi que era uma janella que se abria, e que um rosto de anjo destacava-se d'entre as alvas cortinas que a ornavao.

• Era Emilia que me apparecia sob a figura de um archaizo de belleza! Fiquei estatico, e absorto na contemplação d'aquelle rosto de fada!

• Ella no dar com os olhos em mim, ficou turbada, apenas me fez um leve e gracioso comprimento em retribuição ao que lhe fiz logo que ella deparou comigo; mas retirou-se immediatamente, e meus olhos lerão no coração d'ella, um sentimento doloroso e longo, que me entristeceu de subito.

• Cahí n'uma prostração extrema, e mald'zia de minha sorte, quando ouvi os sons de seu piano, e logo após a sua voz, semelhante a dos anjos a entoar psalms ao Senhor, vir quebrar a minha hypochondria. Não sei como não se estalarão todas as fibras de minha mal! é que a dor tambem alimenta, e de dor, e de soffrer é que me nutro.

— Não falles assim Carlos; a vida para ti ainda está no seu desabrochar, não desesperes!

— Que! Henrique, sinto que não posso viver sem ella, e se não a possuir..... a paixão me rojará pelo despenhadeiro da vida até sumir-me nas trevas da morte; ou então, se a paixão não vencer, vencerá a minha vontade de morrer, tenho um meio, o su cidio!

— Esabes tu Carlos, o que vem a ser o suicidio? Por ventura quereás passar por um homem cobarde e sem brio? O suicidio, é feio como a peste, e negro como um tumulo; é um acto só proprio de um homem imbelle e doudo, e não de um moço, que tem aute si um lindo porvir; e que apenas conta vinte annos!

— Cala-te! não prosigas, se tu souberes o que ella me disse, se estivesse no meu caso não fallarias assim!

— Então que te fez ella?

— Acompanhou ao piano um canto cheio de dor e de sentimento, em que me dizia que não me podia amar!

— E ainda acreditas nas palavras, ou no desengano de uma mulher! A mulher é como a abelha que sorve o mel da primeira flor que encontra no jardim, e que depois vai sorver o mel de outra porque o da primeira já ella sorveu, e deixa a outra no esquecimento. Assim, não deves perder toda a esperanza; pôde ella aborrecer se do primo, e ainda vir a amar-te.

— Oh! seria uma ventura infinita, mas não! ella não pôde amar-me nunca; dentro em breve deve casar-se com Julio e eu devo em breve tambem casar-me com a morte!

— E's um tolo, Carlos: és homem ou não? disse Henrique tomado de raiva.

— Serei um tolo, um doudo.... e o que m'is quizeres, mas sei amar tambem, com esse amor puro de quem ama pela primeira vez, com esse amor de Tasso ou Petrarca....

— Ta! ta! ta! não vamos agora ao Parnaso, disse Henrique. Vamos ao que serve, queres sahir hoje d'aquí, não?

— Já não quero hoje, amanhã... talvez.

— Pois bem, hoje não sahirás mesmo porque ainda estás bastante fraco; mas amanhã sem falta alguma cá venho buscar-te ás seis horas da manhã.

— Concoído, disse Carlos.

— Adeos, até a manhã sem falta, disse Henrique.

— Sem falta! repetio Carlos, e separarão-se apertando amigavelmente as mãos.

.....  
D'ahi a poucos momentos, Henrique galopava em um lindo cavallo, em direcção á cidade, para chegar a tempo de ir para a academia; e Carlos achava-se sentado em uma cadeira, diante de uma mesa sem saber como principiar uma poesia para mandar a Emilia, como uma ultima carta a jogar, do baralho de amor.

(Continúa.)



**As reclamações devem ser dirigidas a esta typographia.**

RIO DE JANEIRO.

Typ. de Pinheiro & Comp.<sup>o</sup>, rua do Cano n. 163